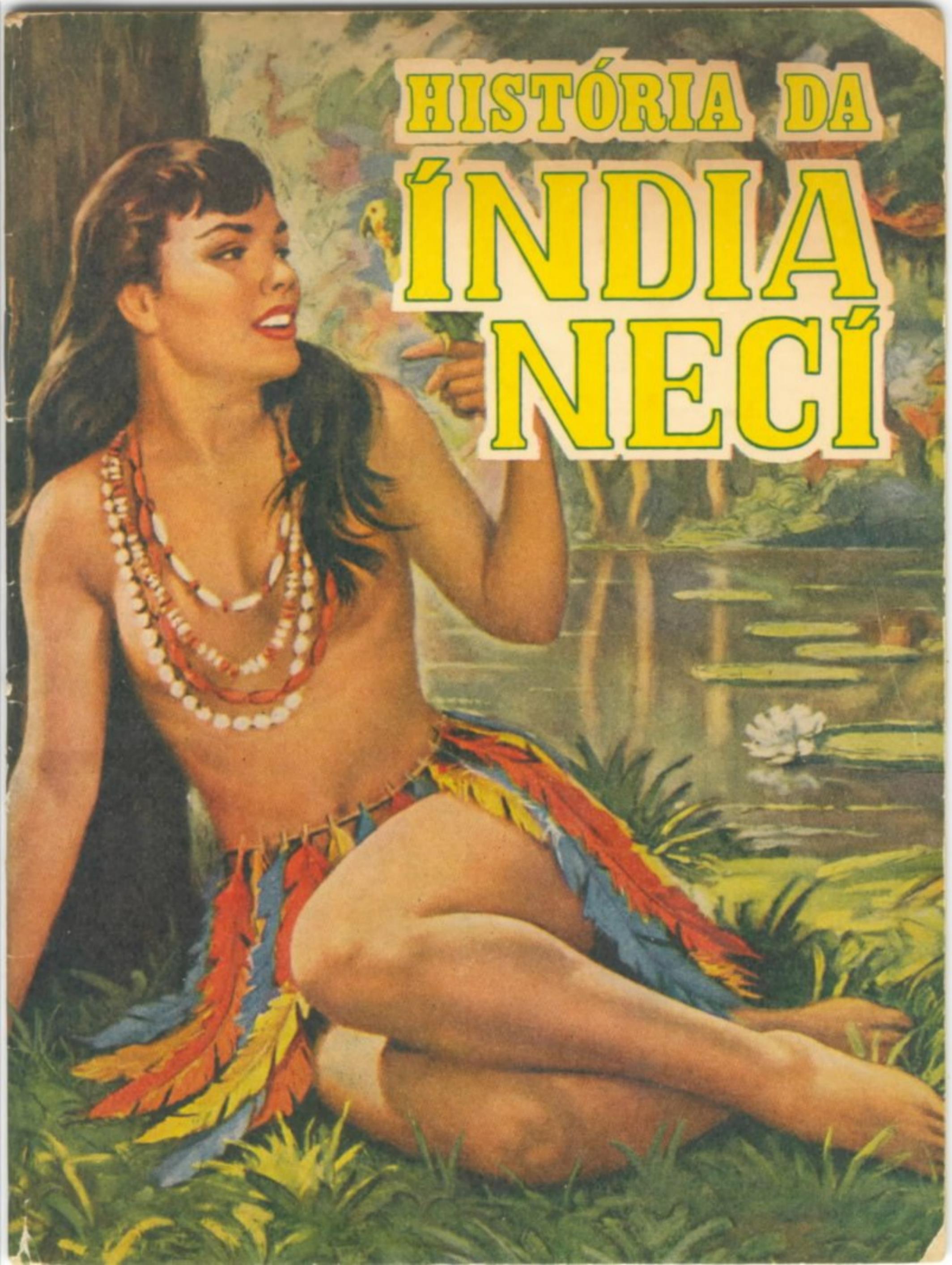


HISTÓRIA DA ÍNDIA NECÍ



LEANDRO GOMES DE BARROS



HISTÓRIA DA ÍNDIA NECI

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei
na Biblioteca Nacional



 EDITORA
Prelúdio LTDA

RUA VISCONDE DE PARNAIBA, 3042/50
FONE: 93-3897 — SAO PAULO-6
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

LEANDRO GOMES DE BARROS

HISTÓRIA DA ÍNDIA NECI



Setenta anos depois
Que o Brasil foi descoberto
Ainda havia muitos índios
O País era deserto
Todo solo brasileiro
Era por matos coberto.

O governo português
A fim de colonizar
Mandava governadores
Aos índios domesticar
Dizendo: uma tribo ou outra
Pode se civilizar.

Da Paraíba do Norte
Chegou na capitania
Um donatário cruel
Que muitos horrores fazia
Simpatizou com uma tribo
Que ali perto existia.

Tantos que diversos índios
Já falavam português
O chefe da tribo era
Um índio muito cortez
Já cultivava a terra
E observava as leis.

Davam ao governador
 A fim de serem agradáveis
 Diversos peixes e caças
 Objetos apreciáveis
 Redes tecidas por eles
 De penas de certas aves.

Então o governador
 Também os gratificava
 Dava roupa para a tribo
 Os ferros que precisava
 A tribo também por si
 Daquilo não se abusava.

Era setecentos índios
 Numa maloca aldeiados
 Trezentos e seis mulheres
 Cento e dez homens casados
 Entre rapaz e crianças
 Mas todos encorporados.

Jupi era um índio moço
 Com vinte anos de idade
 Parecia um português
 Em feições e qualidade
 Era um desses que sozinho
 Defende qualquer cidade.

Tinha a cor bem alva e fina
 O seu nome era Jupi
 E uma índia prima dele
 Que se chamava Neci
 Onde coragem e firmeza
 Só chegava até ali.

Um português miserável
 Se enamorou por Neci
 Então o chefe da tribo
 Expulsou ele dali
 Dizendo que aquela índia
 Só pertencia a Jupi.

Esse infeliz português
 Um perito traidor
 Foi ao palácio e lá disse
 Ao próprio governador
 Que o chefe da tribo era
 Um grande conspirador.

Jurou que tinha visto
 A tribo já reunida
 Para atacar a cidade
 E depois dessa vencida
 Dos portugueses dali
 Nenhum ficava com vida.

O governador primeiro
 Não queria acreditar
 E mandou dizer ao chefe
 Que queria lhe falar,
 Que era apenas um conselho
 Que ele queria lhe dar.

O português traidor
 Ficou com isso vexado
 Armou-se e saiu oculto
 E emboscou o soldado
 Atirou nele matou-o
 Antes de dar o recado.

Apareceu o praça morto
 Aí o povo jurava
 Que o português não mentia
 Era exato o que contava
 E os índios tinham morto
 O praça quando voltava.

O donatário mandou
 Cem praças cercar a aldeia
 Mas o chefe disse: — À força
 Eu não moro em terra alheia
 Nós morreremos em pleno campo
 Mas ninguém vai à cadeia.

Porque não acho motivo
 Para esta imposição
 O governo não nos disse
 Que nos dava proteção?!
 Quer agora nos prender
 Isso assim não é ação.

Disse-lhe o oficial:
 — Você está revoltado
 E o governo mandou
 Chamá-lo por um soldado
 E esse quando voltava
 Foi no mato assassinado.

Disse o chefe: — Que revolta
 Aqui vai tudo direito
 Nós respeitamos os brancos
 A eles temos conceitos
 Nos levanta, agora um falso?!
 Não vê que isso não tem jeito.

Disse-lhe o oficial:
 — Eu quero é sua prisão
 Vai a tribo a toda pressa
 À minha disposição
 Então o governador
 Lá que lhe dê o perdão.

— Isso não! Disse o cacique
 Morre tudo e ninguém vai
 Vou aventurar a sorte
 Ver a desgraça em que cai
 A miséria nos procura
 Tupã também será meu pai.

A força atirou nos índios
 Os índios também romperam
 Sessenta e nove soldados
 Nesse combate morreram
 Mataram o chefe da tribo
 E trinta índios prenderam.

Prenderam os mais valentes
 Como bem fosse Jupi
 Agabatã irmão dele
 E a formosa Neci
 As lágrimas de mais ternura
 Via-se gotejar ali.

Até as pedras choravam
 Se visse exclamar Neci
 Dizendo: — Antes morresse
 Do que ver preso Jupi
 O homem que sua imagem
 Trago neste peito aqui!

E foram para a prisão.
 Todos os índios escoltados
 Entregues a diversos praças
 Por eles tão maltratados
 Alguns não chegaram lá
 Porque estavam baleados.

Botaram os índios num quarto
 Neci deles separada
 Uma sentinela à porta
 E ela dentro amarrada
 Ela ouviu Jupi chorando
 A uma da madrugada.

Ela aí mordeu as cordas
 Com a fúria de um leão
 Cortou ambas com os dentes
 E na mesma ocasião
 Investiu no sentinela
 Matou e tomou o facão.

E foi à prisão dos índios
 Botou abaixo o portão
 Matou dois guardas na porta
 Entrou dentro da prisão
 Soltou Jupi e os outros
 Rápido como a explosão.

Quando a guarda estremeceu
 Estava a desgraça na praça
 Neci disse a Jupi:
 — Branco conosco não faz graça
 Dos brancos que me prenderam
 Eu acabo até a raça.

Disse Neci a Jupi:
 — Você não saia do centro
 Eu fico na retaguarda
 Haja o que houver eu entro
 Já mandei doze ao quartel
 Carregar todo armamento.

O general conhecendo
 Que não podia ganhar
 Mandou tocar reunida
 E tudo se retirar
 Os índios levaram as armas
 Ninguém as pôde tomar.

Chegaram os índios na aldeia
 Acharam um grande estandarte
 Feridos não tinha conta
 E mortos por toda parte
 Duzentos e quarenta índios
 Morreram nesse combate.

O governador doente
 Perguntou admirado:
 — O que se deu com os índios?
 Quem os teria soltado?
 Da forma que aconteceu
 Não respondia um soldado.

Apenas disse um sargento:
 — Aquela índia formosa
 Brigava até com os dentes
 Como uma cobra raivosa
 É mais valente que os índios
 Tem força e é valorosa.

E a fugida dos índios
 Só pôde ter sido ela
 Que pôde afrouxar as cordas
 E matar o sentinela
 Nos índios todos não tem
 Quem tenha a coragem dela.

Quando nós cercamos eles
 Ela foi quem veio na frente
 Com um pau matou três praças
 Com uma pedra um tenente
 Pegou outro pela guela
 Matou instantaneamente.

Onde ela atira a pedra
 É uma morte que faz
 Ou ela tem um prodígio,
 Ou parte com satanás
 Todos os índios mataram
 E ela só, matou mais.

— Ainda não vi essa índia
 Dizia o governador
 Disse o sargento: — Parece
 Capricho do Criador
 Não há jardim na Europa
 Que tenha tão linda flor.

Porque a boca da índia
 Parece uma rosa abrindo
 Os olhos dela parecem
 O sol quando vem saindo,
 O corpo parece um anjo
 Nos braços de Deus dormindo.

Negros e finos cabelos
 Cobrem-lhe os ombros morenos
 O nariz bem afilado
 Negros olhos não pequenos
 Se há reencarnação
 Nela está a alma de Vênus.

Admira-me uma selvagem
 Possuir tanta beleza
 E não haver um remédio
 Que lhe manche a pureza
 Aquilo ali só parece
 Um primor da natureza.

A índia quando sorri
 Exprime tanta atração
 Que faz o próprio inimigo
 Abrandar o coração
 Quando ela lança um olhar
 Chama até Deus atenção.

Também o que tem de linda
 Tem também de carniceira
 É o que pode chamar-se
 Uma cobra verdadeira
 O urso é menos feroz
 E a onça é menos ligeira.

Sou sargento há vinte anos
 E não dei um só combate
 Naquela guerra da França
 Fui praça de Bonaparte
 Mas em manejo de guerra
 Eu nunca vi tanta arte.

Ela é perita na flecha
 Conhece esgrima e floreio
 Uma rebolada dela
 Parte um homem pelo meio
 Coragem e destreza assim
 Eu não sei de onde veio.

Agora nos ocupamos
 Da fuga que eles tiveram
 Da forma que acharam a tribo
 E o que foi que disseram
 Como calcularam tudo
 E a jura que fizeram.

Chegaram os trinta índios
 Que fugiram da prisão
 Acharam tantos feridos
 Que cortava o coração
 O sangue dos que morreram
 Tinha umedecido o chão.

Aí combinaram todos
 Ficar por chefe Jupi
 Foi uma congregação
 Tudo concordou ali
 Só faziam qualquer ato
 Combinando com Neci.

Disse Jupi pois agora
 Precisa se combinar
 Dentro de cinco ou seis dias
 Precisamos nos mudar
 Porque o exército branco
 Com certeza há de voltar.

Eu juro pelo meu arco
 Se vierem me prender
 Morrerei em pleno campo
 Ninguém me verá a correr
 Eu matando dez ou doze
 Qualquer um pode comer.

Disse Neci: — E eu juro
 Por Tupã a quem adoro
 Ainda um me trespassando
 Eu não me curvo e nem choro
 Enquanto não me matarem
 Não há quem conte os que toro.

Ainda bem que da prisão
 Trouxe uma boa espingarda
 Aprendi a carregar
 Estou bem exercitada
 Carrego e atiro bem
 Manejo bem a espada.

Disse Acaci outro índio
Com vinte anos de idade:
— Eu irei espreitar tudo
Quanto houver lá na cidade
E venho avisar na tribo
Se acaso houver novidade.

Me escondo perto da rua
Observando o que há
Com certeza eu vejo logo
Tropa que sair de lá
Vendo a tropa eu corro logo
E aviso tudo cá.

Então disse um índio velho:
— Combinando com Jupi
Dizendo: — Eu não acho bom
Esse acordo de Acaci
Ele vai matam-no lá
Quem vem avisar aqui?

Meu acordo é que nos mude
Vamos nos acautelar
Numa garganta de serra
Própria para se brigar
Lugar que seja difícil
Soldado branco passar.

Nós temos esse armamento
Que trouxemos da cidade
Exercitemo-nos nele
Teremos atividade
Soldado chegando ali
Morre em grande quantidade.

A tribo toda aceitou
O acordo de Ararã,
Neci concordou dizendo:
— É bom partir amanhã
Vamos fazer arraial
Na Serra da Mucunã.

No outro dia às três horas
Da madrugada, saíram
Jupi e Neci na frente
Os outros todos seguiram
Com destino a Mucunã
Todos dispostos partiram.

Distante 28 leguas
Da aldeia que eles moravam
Essa serra era um lugar
Que de ano em ano andavam
Então os chefes de tribo
Era lá que se enterravam.

Bem no centro da montanha
Fizeram um arraial
Havia uma pedra alta
De tamanho descomunal
Quem estivesse em cima dela
Observava o val.

Foram então se exercitando
De toda forma de guerra
Disse Jupi: — Nós aqui
Estando em cima desta serra
Não vejo soldado branco
Que venha tomar-me a terra.

Então Neci disse aos índios:
— Se acaso formos cercados
Ponham-se todo em fileiras
Avancem muito animados
Se por acaso correrem
Não vão ficar debandados.

Jupi vai com trinta índios
Tomar a boca do vão
Vai Acaci com quatorze
Fazer observação
E envenenar as águas
Onde beber o batalhão.

Temos 4 mil cartuchos
E cento e dez granadeiros
Já sabemos atirar
E somos muito ligeiros
E tem-se mais a vantagem
De conhecer os oiteiros.

Porque o meu tio Abaré
Conhece nessa montanha
Lugar que nação alguma
Indo lá conta façanha
Rola de oiteiro abaixo
Nem o diabo o apanha.

Jorã é destro na flecha
Burabi na rebolada
Cetim e os irmãos dele
Ninguém ganha-os em pedrada
Acaci é como sabe
Mata dez de uma pancada.

Chegaram de Portugal
Quinhentos e doze praças
Soldados bem destemidos
Homens de diversas raças
Soldados que investiam
Nas mais horrendas desgraças.

Então o governador
Chamou um oficial
Um das mesmas feras
Chegadas de Portugal
Ordenou-lhe que fizesse
Uma desgraça geral.

Mandou procurar os índios
E onde os encontrasse
Não atendesse razões
Antes de tudo atirasse
Embora acabasse a força
Um só índio não deixasse.

A força foi prevenida
Com ferros para cortar
Abrir veredas na mata
Para poder avançar
Era ordem do governo
Sem os índios não voltar.

Andaram quarenta dias
Achando sempre os roteiros
Fogo que os índios faziam
Ranchos nos pés dos oiteiros
Afim acharam eles
Morando entre dois ribeiros.

Era dez horas do dia
Os índios foram cercados
Em cada pé duma pedra
Tinha dois ou três soldados
Morria sem piedade
Gente de todos os lados.

Tinha ali um índio velho
Chamado Paripatu
Quando agarrava um soldado
Matava-o deixava nu
E rasgava as guélas dele
Bebia-lhe o sangue cru.

Neci chegou onde estava
Toda força reunida
Nunca se viu uma fera
Que fôsse tão destemida
Não dava uma bordoadada
Que não tirasse uma vida.

Aí só se ouvia gritos
Soldados no chão morrer
Índios varados por balas
Sangue no chão a correr
De noite a água do rio
Ninguém podia beber.

Os soldados portugueses
 À noite se afastaram
 Cessou os rumores dos tiros
 Os índios se retiraram
 No outro dia às seis horas
 A mesma luta travaram.

Trezentos e trinta praças
 Nesse combate morreram
 Ficaram apenas setenta,
 No outro dia correram
 A bagagem e o armamento
 Nessa ocasião perderam.

Os índios também perderam
 Só de mortos quatrocentos
 Os feridos mortalmente
 Excediam de trezentos
 Entre feridos e mortos
 Fizeram mil e seiscentos.

O governo quando soube
 Da desgraça acontecida
 Perguntou ao capitão:
 — Para que voltou com vida?
 Você não parece ser
 De uma nação tão temida.

O que é que mando dizer
 À majestade real?
 Com que cara escreverei
 Daqui para Portugal?
 Nunca mais confiarei
 Em promessa de oficial.

O governo logo mandou
 O capitão em seguida
 Que chegasse ao quartel
 E tocasse reunida
 E fôsse cercar os índios
 Embora perdesse a vida.

Preveniu-se de comida
 Armas, balas e ferragem
 Levou o que precisava
 E seguiu logo a viagem
 Dizendo: — Agora vou ver
 Se os índios contam vantagem.

Levou quatrocentos praças,
 Um tenente, um capitão,
 Um alferes e dois cadetes
 Seguiu com o batalhão
 Disse ele: — Havemos de ver
 Se os índios se acabam ou não.

Em cinco dias chegaram
 Aonde eles estavam
 Os índios já prevenidos
 De prontidão esperavam
 Como quem tem a certeza
 Que os inimigos voltavam.

Os índios se colocaram
 Entre duas cachoeiras
 Ao lado esquerdo ficaram
 Duas enormes ladeiras
 Um rio de cada lado
 Formavam duas trincheiras.

Os índios se dividiram
 Em duas grandes fileiras
 Uma no fundo do sítio
 Defendendo as cachoeiras
 Outra em muito boa ordem
 Ao lado das três ladeiras.

Os índios naquele sítio
 Estavam todos firmados
 Os portugueses ali
 Brigavam todos cercados
 Guerreiro algum os vencia
 Pois estavam bem preparados.

Neci brigava no centro
 Jupi perto da entrada
 Diziam aos outros índios:
 — Morte aqui é palhaçada
 Um índio perder a vida
 Isto não quer dizer nada.

Chamou Neci e lhe disse:
 — Com pouco somos cercados
 A mim os brancos me matam.
 Meus ossos serão pisados
 Mas os braços de Jupi
 Não serão nunca amarrados.

Meus inimigos dirão
 Matou-se o índio Jupi
 Porém nós não conseguimos
 Foi trazê-lo preso aqui
 Desce o corpo e sobe a alma
 Tudo se aniquila aí.

Então respondeu Neci:
 — Que tem que o homem se acabe
 Fecha-se a porta da vida
 Mas a da morte se abre
 Nós não tivemos fortuna
 Só a desgraça nos cabe.

Nós aqui neste deserto
 Sem a ninguém ofender
 Os estrangeiros de longe
 Nos obrigam a morrer
 Porque os índios não têm
 O direito de viver?

A carne não é a mesma?
 O sangue não é igual?
 Não há índio até de cor
 Dos filhos de Portugal?
 Não devia haver razão
 Para nos fazerem mal!

Nisso ouviram os estampidos
 Já estavam sitiados,
 Já se via pelo chão
 Diversos índios varados
 E diversos portugueses
 Tinham sido estrangulados.

Jupi abraçou Neci
 E lhe disse: — Adeus querida
 Dá-me um abraço e um beijo
 Que eu quero por despedida
 Essa é a última luta
 Que eu tenho na minha vida.

— Vai Jupi disse ela em pranto
 Encare o horror da sorte
 A vida é uma luz fraca
 O mundo é vento forte
 Se alguém matar-te que eu veja
 Morrerei, mas te vingarei a morte.

Não acabaram a conversa
 Quando viu a força entrar
 Quase que não dava tempo
 Da tribo indígena se armar
 Disse Neci: — Meus amigos
 Agora é tudo encarar.

Disse Jupi: — Eu não sinto
 Um português me matar
 Sinto ser preso por ele
 Podem me desfeitear
 Mas enquanto eu não morrer
 Garanto que hei-de lutar.

Nisso chegou uma força
 E todos foram cercados
 Neci lutou na investida
 Com vinte e cinco soldados
 Se via naquela luta
 Sangue por todos os lados.

Jupi se fez no cacete
 Não escutou mais razões
 E gritou aos inimigos
 Eu brigo com dez nações
 Não me troco por dez brancos
 No valor e nas ações.

E empunhou o cacete
 Demonstrando que era forte
 Não dava uma bordoadá
 Que não fizesse uma morte
 O cacete parecia
 Um ferro que tinha corte.

Não dava uma bordoadá
 Que não tirasse uma vida
 Matava seis, oito e nove
 Soldados numa investida
 Sem que um só inimigo
 Lhe fizesse uma ferida.

Estavam mortos por ele
 Setenta e nove soldados
 Via-se mais de quarenta
 No chão de braços quebrados
 Os de fora só ouviam
 Gemidos dos baleados.

E Neci por outro lado
 Estava como uma serpente
 Nos córregos que haviam
 Corria sangue de gente
 Olhava-se para o rio
 Via-se sangue somente.

Um tenente investiu nela
 E deu-lhe voz de prisão
 Disse Neci: — Irei presa
 Se fôr por uma traição
 Eu entregar-me por gosto
 Está enganado, isso não!

Sou moça, tenho força
 E coragem pra lutar
 Se a desgraça fôr minha
 Eu não devo desprezar
 Meu arco é meu protetor
 A sepultura é meu lar.

O tenente foi a ela
 E bem de perto atirou
 Mas a índia foi ligeira
 E o tiro não pegou
 Ela deu-lhe uma pancada
 Nos pés dela ele expirou.

Aí avistou Jupi
 Por um batalhão cercado
 Ela de cá percebeu
 Que ele estava cansado
 Não podia pular mais
 Já estava em sangue banhado.

Nisso viu um capitão
 Que traspassou o Jupi
 Varou-o com uma espada
 Ele ficou mesmo ali
 Ainda ouviu ele dizer:
 — Adeus querida Neci.

Ela avançou para ele
 Com fúria de um leão
 Porém um oficial
 Chegou a ela à traição
 Deu-lhe com um granadeiro
 Ela então caiu ao chão.

Neci julgou que Jupi
 Estava ali se ultimando
 Chegou para perto dele
 A face foi osculando
 E disse: — Espera por mim
 Eu sinto a morte chegando.

Logo amarraram ela
Com bem rigorosidade
Ela disse ao general:
— Mate-me por caridade
Para eu ver se eu encontro
Jupi na eternidade.

Ali mesmo o general
Mandou chamar um soldado
E disse: — Pegue esse índio
Amarre bem amarrado
Enterre à beira do rio
E tenha todo cuidado.

Neci viu quando o soldado
Levou seu noivo querido
Ela olhou indignada
Disse ao general: — Bandido
A morte dele eu vingarei
Fique o senhor prevenido.

O general riu e disse:
— Deixe de fúria menina
É somente à força bruta
Que a certa gente se ensina
Ela disse: — Esperarei
O que é bom Tupã destina.

O soldado pegou Jupi
E bem depressa o levou
Chegando à margem do rio
Um buraco ele cavou
Depois botou ele dentro
Muito ligeiro tapou.

Atrás dele vinha um índio
E a polícia não viu
E logo que o soldado
A tarefa concluiu
O selvagem à queima roupa
Atirou, ele caiu.

O índio desenterrou
Tirou Jupi ansiando
Levou-o para uma furna
Muito sangue ia botando
Mas quando Jupi chegou
Foi depressa melhorando.

Chegou Neci na cidade
Foi para uma prisão
Mandaram botar-lhe os ferros
Sem ter dela compaixão
Só se lhe afrouxavam um braço
Quando lhe traziam um pão.

O general foi ver ela
E lhe disse que a amava
E se ela amasse ele
Em poucos dias a soltava
Neci aí deu-lhe as costas
Disse que não aceitava.

Ele em um quadro mostrou-lhe
Uma dama bem trajada
E lhe disse: — Se me amares
Serás assim bem tratada
Ela disse: — Para mim
Essa pompa não vale nada.

Disse ele: — Se me quiseres
Ainda serás feliz
Disse Neci: — Sem Jupi
Me considero infeliz
Pois nunca ninguém logrou
O que a sorte não quis.

O general disse a ela:
— Deixe de ser imprudente
Tirar-te-ei da prisão
Trago-te muito decente
Ela disse: — Para mim
Existe um sofrer somente.

— Pois bem Neci, disse ele:
 Tu não queres te render
 Como não consegui nada
 À força hei-de te vencer
 Ela disse: — Paciência
 Tudo se pode sofrer.

É a maior tirania
 Covardia do senhor
 Querer conquistar a mim
 Seja de que forma fôr
 Está vendo, não conhece
 Isso é que se chama amor?

O amor é como a planta
 Tem a mesma condição
 Na planta escolhe-se a terra
 De boa vegetação
 No amor um que combine
 Com as fibras do coração.

Plante o arbusto em terra
 Que não possa enraizar
 A planta morre ali mesmo
 Não pode nunca aumentar
 O amor contra vontade
 Nunca mais pode ligar.

O general retirou-se
 Sem saber o que fizesse,
 Projetou trazê-la à força
 Desse o caso no que desse
 Disse: ela não me ama
 Mas à força me obedece.

Quando o general saiu
 Blasfemando indignado
 Arrenegando de si
 Dizendo: sou um desgraçado
 Amo tanto aquela índia
 Sou por ela desprezado.

Há mais Deus do que eu penso
 E mais tudo é engano
 É covardia negar-se
 Que existe um Deus soberano
 Que dá a um escravo humilde
 O que nega ao rei tirano.

Altas famílias reais
 Imperatrizes garbosas
 Com sêda, ouro e brilhante
 Tantas pedras preciosas
 Uma índia esfarrapada
 Ser uma das mais formosas.

Se as feições daquela índia
 Fôsse em uma imperatriz
 Ou mesmo em uma mulher
 De família mais feliz
 Quem a tivesse por esposa
 Era o maior do país.

Coitada! Porém a sorte
 Fez dela sua esquecida
 A natureza negou-lhe
 O que é melhor da vida
 Porque deu a uma imagem
 Alma tão desprotegida.

Isso disse o general
 Dentro do seu coração
 E Neci banhada em pranto
 Nos horrores da prisão
 Pedia a Tupã que apressasse
 A sua consumação.

O general ordenou
 A um segundo tenente
 Que dissesse ao capitão
 Que fôsse falar-lhe urgente
 Então que não demorasse
 Que ele estava impaciente.

Veio o dito capitão
 O tal que feriu Jupi
 O general ordenou
 Vá à prisão de Neci
 Tire todos os ferros dela
 E traga já ela aqui.

Leve dois oficiais
 Para podê-la trazer
 Isso o senhor faz oculto
 Que ninguém há-de saber
 Traga ela honestamente
 Sob pena de morrer.

Foram os três oficiais
 Disse um tenente: — É aqui
 O capitão tirou logo
 As correntes de Neci
 Ela viu que o capitão
 Foi o que matou Jupi.

O alferes disse tudo
 Que o general ordenou
 Ela fez um ar de riso
 Muito baixo suspirou
 Com esse ar prazenteiro
 O capitão se alegrou.

Então Neci levantou-se
 Tomando respiração
 Saltou logo na espada
 Que trazia o capitão
 Vibrou-lhe um golpe medonho
 Em cima do coração.

Puxou a espada logo
 Cravou com ela o tenente
 Outra igual deu no alferes
 Matou-lhe instantaneamente
 Três mortes em dois minutos
 E ali não chegou gente.

Encheu de sangue deles
 O copo de uma espada
 Dizendo: — Pouco me importa
 Se agora eu fôr confiscada
 Matei quem matou Jupi
 Posso morrer, estou vingada.

O general conhecendo
 Que tardava o capitão
 Dominado de ciúme
 Quase perdendo a razão
 Nos trajes que estava em casa
 Se dirigiu à prisão.

Mas antes dele chegar
 Encontrou logo um soldado
 E disse: — Senhor general
 O caso está complicado
 O capitão foi agora
 Pela índia assassinado.

Disse o general vexado:
 — E Neci onde ficou?
 Disse o soldado: — Tranquei-a
 Assim que o fato passou
 O povo queria linchá-la
 A polícia não deixou.

O general ficou louco
 Quando soube do acontecido
 Foi depressa à cadeia
 E deu tudo por perdido
 Pois Neci assassinou
 Um tenente destemido.

Quando o general chegou
 Neci estava sentada
 Ela pouco se alterou
 Quando foi interrogada
 Disse muito satisfeita:
 — Agora sim, estou vingada.

Ele disse furioso,
— E sabes que vais morrer?
Disse Neci: — Só assim
Descansarei de sofrer
O meu martírio se acaba
Termina o meu padecer.

Disse o general: — Mulher,
Com a vida hás de pagar
Os crimes que praticaste
Não posso te perdoar
Não terás um mês de vida
Eu mandarei te matar.

Vamos tratar de Jupi
Da forma que ele ficou
Assim que chegou na furna
Um pouquinho melhorou
O índio botou-o nas costas
E pra aldeia o levou.

Jupi foi bem medicado
Pelo pajé curandeiro
Logo que pôde falar
O que perguntou primeiro
Foi pela índia Neci
O seu amor verdadeiro.

Disseram: — Ela foi presa
Ninguém a pode livrar
A tribo confia em si
Quando você melhorar
No seu grito seguiremos
Ninguém teme em se acabar.

Afinal depois de um mês
Jupi estava curado
Chamou o cacique e disse:
— Meu povo está ao meu lado
Eu hoje trago Neci
Ou então sou derrotado.

Jupi juntou sua gente
Estavam todos bem armados
Com boas armas de fogo
Iam bem municidados
Afim não tinham medo
De saírem derrotados.

Nesse dia de tardinha
A tropa logo partiu
Às 10 chegou na cidade
Escondeu-se e ninguém viu
Os índios se entrincheiraram
E o povo não pressentiu..

Jupi quando chegou soube
O que ia acontecer
Sua noiva à meia-noite
Havia de aparecer
Ia morrer fuzilada
Ninguém a podia valer.

Jupi voltou, disse aos índios:
— Vocês fiquem avisados
Quero destreza e coragem
Pois se formos derrotados
Sem remissão morreremos
De um por um fuzilados.

Quando foi às dez e meia
Jupi mandou espreitar,
Se por perto da cadeia
Podia se entrincheirar
O espia foi e voltou
Disse: — Pode se equipar.

Neci na fria prisão
Desesperada da sorte
E entre lágrimas dizia:
— Não tenho quem me conforte
Quando ouviu atrás da grade
Uma voz serena e forte.

O carcereiro abriu logo
 Aquela prisão escura
 Neci então respirou
 A brisa suave e pura
 Nesse instante ela sentiu,
 Sua triste desventura.

Era meia-noite em ponto
 Soprava um vento gelado
 O céu não tinha uma estrela
 Estava tudo nublado
 Acompanhava Neci
 O carcereiro e um soldado.

Chegaram num grande pátio
 Onde estava um pelotão
 Neci estava algemada
 Então veio o capitão
 Tirou-lhe então as algemas
 E botou-a em posição.

Vedaram os olhos da índia
 De formas que ela não via
 E encostaram ela num muro
 Que ela nem se bolia
 Um pelotão de soldados
 Fizeram-lhe pontaria.

Nesse momento se ouviu
 Um tiroteio cerrado
 Os soldados esbaforidos
 Corriam pra todo lado
 Neci arrancou dos olhos
 O pano que estava atado.

Jupi entrou com a tropa
 Invadiu logo a cadeia
 E depois de duas horas
 A carnificina era feia
 Tinha gente espatifada
 Por todo canto da aldeia.

O general no seu quarto
 Placidamente dormia
 Porém momentos depois
 O fogo da artilharia
 Fez ele então despertar
 Da imensa letargia.

O general acordou
 Com os gritos de um soldado
 Ele depressa vestiu-se
 E foi de tudo informado
 Que a cadeia e o quartel
 Os índios tinham tomado.

O general saiu fora
 Viu triste a situação
 A soldadesca perdendo
 Branco rolando no chão
 Ele então se decidiu
 Tomar parte na questão.

Bem defronte da cadeia
 A luta se iniciou
 Terminada a munição
 A luta então piorou
 E um combate sangrento
 Corpo a corpo se travou.

Neci estava escondida
 Receando ser pegada
 O general avistou-a
 E ela sem temer nada
 Travou combate com ele
 Como uma fera assanhada.

Nesse momento Jupi
 Ao general avistou
 Dum pulo que deu de lá
 No cangote lhe agarrou
 Deu-lhe um soco tão danado
 Que ele descangotou.

Mas um grupo de soldado
Na luta logo interviu
E depois de meia hora
Tudo ali se concluiu
Os soldados debandaram
E o general fugiu.

Jupi encontrou Neci
Ainda desacordada
Ele a beijou e lhe disse:
— Desperta noiva adorada
Teu noivo estando a teu lado
Aqui não falta mais nada.

O general evadiu-se
Pois não pôde resistir
Jupi levou sua noiva
Mandou tocar, reunir
Os índios se ajuntaram
Dispostos para seguir.

Então na manhã seguinte
Na aldeia eles chegaram
Houve festa quinze dias
Muitos beberam e dançaram
Jupi e a bela Neci
Nesse dia se casaram.

O governo mandou logo
A Jupi lindo cartão
No qual dizia o seguinte:
Felicito a união
Entre sua tribo e meu povo
Eu não quero mais questão.

Daquele dia em diante
Jupi viveu descansado
Muito feliz com sua esposa
Não foi mais incomodado
A tribo uniu-se aos brancos
E esqueceu o passado.

58

5008

**VOCÊ SABE PROCURAR
A POLÍCIA EM SEUS INÚMEROS
SETORES,
PRINCIPALMENTE COM RESPEITO À NATUREZA E
O LOCAL DA OCORRÊNCIA?**



VOCÊ SABE PROCURAR O SERVIÇO MÉDICO GRATUITO (PRONTO SOCORRO), SOBRETUDO EM SE TRATANDO DA NATUREZA DO EVENTO?



VOCÊ POSSUI, EM SUA RESIDÊNCIA, OS ENDEREÇOS E TELEFONES DE MAIOR EMERGÊNCIA?



VOCÊ SABE TRATAR DE SEUS DOCUMENTOS, INCLUSIVE AQUELES QUE SÃO EXPEDIDOS PELA POLÍCIA, SEM TER DESPESAS COM INTERMEDIÁRIOS? VOCÊ SABE PREVENIR-SE CONTRA AS ARTIMANHAS DOS MALANDROS ESTELIONATÁRIOS?

VIVA COM MAIS SEGURANÇA SENDO BEM INFORMADO. TENDO SEMPRE À MÃO O

MANUAL PRÁTICO

SOCIAL — MÉDICO — POLICIAL

A venda em todas as livrarias, ou diretamente na

5143